



VINTE ANOS DE HISTÓRIA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA PUC BETIM: ENLACES ENTRE A REFORMA PSIQUIÁTRICA E A CIDADANIA

TWENTY YEARS OF HISTORY OF THE PUC BETIM PSYCHOLOGY COURSE: LINKS BETWEEN PSYCHIATRIC REFORM AND CITIZENSHIP

Carlos Alberto Pereira Pinto¹
Celso Renato Silva²
Karla Gomes Nunes³
Renato Diniz Silveira⁴

RESUMO: A partir da comemoração dos 60 anos da Faculdade de Psicologia (FAPSI), da PUC Minas, no presente artigo mapeamos fragmentos do percurso de vinte anos do Curso de Psicologia em Betim (MG), em sua intersecção com o campo da saúde mental, alinhado à Reforma Psiquiátrica. Descrevemos a implantação dos serviços substitutivos em Betim e seus efeitos sobre a própria atuação e formação dos psicólogos daquela cidade. Em seguida, discutimos a extensão universitária como mote de articulação entre a universidade e a cidade, ressignificando a relação com a loucura. Feito isso, retomamos os aspectos recolhidos no decorrer do trabalho que reafirmam, na atualidade, importantes dimensões concernentes às políticas públicas de saúde mental, como a universidade e políticas públicas substitutivas, as estratégias possíveis diante retrocessos que possam acontecer, a reafirmação da universidade como um dispositivo propositivo em conjunto com os serviços públicos, o cotidiano dos usuários e a necessidade de articulação com outros dispositivos intersetoriais; por fim, evidenciamos a relevância desse tema na ocupação de psicólogos em diversos setores da formação e assistência.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental; Formação; Psicologia; Desinstitucionalização; Cidadania.

ABSTRACT: From the commemoration of the 60th anniversary of FAPSI of PUC Minas, the present article maps fragments of the course of twenty years of the Psychology course in Betim, at its intersection with the field of mental health, aligned with the Psychiatric Reform. We describe the implementation of substitutive services in Betim and its effects on the actual performance and training of psychologists in that city. Next, we discuss the university extension as a mote of articulation between the university and the city, the relation with the madness. Finally, we return to the aspects gathered in the course of the work that reaffirm, at present, important dimensions concerning public health policies such as university and public policies, the possible strategies for setbacks that may occur, reasserting the university as a device proposition in conjunction with public services and daily life of users, as well as the need for articulation with other intersectoral devices and, finally, the relevance of this theme in the occupation of psychologists in various sectors of training and assistance..

KEYWORDS: Mental Health; Training; Psychology; Deinstitutionalization; Citizenship.

1 INTRODUÇÃO

O saber deve articular teorias, seus objetivos de estudo e seus métodos de intervenção através dos princípios éticos, baseados nos valores universais do respeito à dignidade humana e do bem comum. (REIS FILHO; FRANCO, 2007, p. 7).

¹ Psicólogo, Professor da PUC Minas Betim e ex-aluno do Curso de Psicologia da PUC Minas Betim. carlos_app@hotmail.com

² Psicólogo, Professor da PUC Minas Betim e ex-aluno do Curso de Psicologia da PUC Minas Betim. celsorenato@pucminas.br

³ Psicóloga, Professora da PUC Minas Betim e ex-aluna do Curso de Psicologia da PUC Minas Betim. karla@pucminas.br

⁴ Psiquiatra, Professor da PUC Minas Betim e ex-professor do Curso de Psicologia da PUC Minas Betim. renato.22@uol.com.br



O objetivo deste escrito é demarcar os vinte anos de história do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica em Betim, com destaque para sua inserção no campo da saúde mental, sinalizando sua importância e seus movimentos de vanguarda no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira. Trata-se de uma escrita marcada por afetos e vivências de quem se constitui no percurso do próprio curso, como acadêmicos, no caso dos três primeiros autores, os quais hoje são docentes do curso e compõem este escrito na companhia de outro docente fundamental para o processo de inserção do Curso de Psicologia de Betim na rede de saúde do município e nas políticas públicas dessa área.

Delinear alguns traços dessa história torna-se fundamental, especialmente no ano em que comemoramos os sessenta anos da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, reafirmando seu compromisso com o campo da formação, o desenvolvimento de pesquisas e a constante interlocução com as comunidades de sua abrangência.

Analisar a criação, o desenvolvimento e a consolidação do Curso, bem como a inserção dos alunos no campo da saúde mental em Betim, implica, necessariamente, a justa menção a diversos atores e cenários de prática que contribuíram diretamente por uma formação crítica e engajada com as atuais demandas que esse campo suscita.

Assumimos o caráter parcial deste texto, pois ele remonta às vivências e às memórias de quem, no encontro com o Curso de Psicologia de Betim e com a rede de serviços substitutivos do município, com seus usuários e trabalhadores, é constituído por esses fragmentos heterogêneos, que nos atravessam e nos constituem como sujeitos, cidadãos, professores, alunos e trabalhadores de saúde mental. Dessa forma, inspirados pelas pistas do método cartográfico (BARROS; KASTRUP, 2012), tratamos mais de dar passagem aos afetos e acontecimentos que desencadearam novos planos do que, propriamente, investir em uma busca de informações e datas que não se correlacionam com aquilo que nos tornamos – como – efeitos que somos do que se fez e do que se faz em Betim.

O desenvolvimento deste trabalho em comemoração aos sessenta anos da Faculdade de Psicologia nos leva, necessariamente, a uma reflexão dos vinte anos do Curso de Psicologia da PUC Minas *campus* Betim. O recorte do campo da saúde mental como mote de reflexão implica a dificuldade de não abarcar outros importantes campos de saberes que permeiam e contribuem para a inserção e intervenção dos alunos em campo, tais como, a ética, a saúde coletiva, o desenvolvimento humano, a subjetividade, os movimentos sociais. Além dos campos de saberes, também recortamos atividades concernentes apenas à extensão em saúde mental em um dado momento histórico.

Este escrito segue a linha de composição do próprio Curso de Psicologia que aqui trazemos à tona, o qual é marcante pela descontinuidade com o plano estabelecido da Psicologia vigente em outros territórios. Por isso mesmo, a trajetória aqui posta é provisória e sem nenhuma aspiração de ser totalitária, mas aberta para novas reflexões, que possibilitem identificar continuidades e rupturas operadas ao longo de duas décadas.

Na primeira parte do artigo, discutiremos como o processo da Reforma Psiquiátrica desencadeado em Betim impulsionou a desinstitucionalização do trabalho em saúde mental e seus consequentes efeitos sobre a própria psicologia que se fez e se faz na prática. Isso tendo em perspectiva que o Curso de Psicologia, por meio da formação que ele proporciona aos alunos, encontrou e encontra na rede de saúde mental um importante intercessor.

Na sequência, discutimos como os docentes do Curso de Psicologia investem na extensão universitária como estratégia para possibilitar o encontro da universidade com a cidade, possibilitando ao estudante o contato com a prática no campo da saúde mental substitutiva. Isso possibilita a transformação do aluno e, ao mesmo tempo, contribui com serviços e usuários, que o acolhe, transformando, nesse sentido, a universidade e as relações com a loucura.

Por fim, retomamos os aspectos destacados ao longo da nossa escrita, feita por muitas mãos, para localizarmos os compromissos que precisam ser assumidos e reafirmados na atualidade no que tange às políticas públicas de saúde mental em favor de uma formação que se propõe ética, política, mas também estética, pois que conforma a vida de outras e diferentes formas.

2 NOTAS SOBRE A REFORMA PSIQUIÁTRICA EM BETIM: SOBRE DESINSTITUCIONALIZAR O TRABALHO EM SAÚDE MENTAL E FORMAR PSICÓLOGOS PREPARADOS PARA ESSE FAZER

O percurso de desenvolvimento e consolidação da Reforma Psiquiátrica envolve contextos sócio-históricos multifacetados que tocam o próprio desenvolvimento da concepção de homem e de vida social frente ao louco. Tal processo é marcado por aspectos históricos, políticos e econômicos os quais resultam de tensões que marcam profundamente as formas de relacionamento entre sociedade e loucura (BIRMAN, 1978; DELGADO, 1992; FOUCAULT, 1993; GOFFMAN, 1961).

A primeira equipe de saúde mental em Betim foi implantada em 1985, com a contratação de uma psiquiatria e uma assistente social (RIVELLI, 1985), restringindo a atuação, nesse

primeiro momento, em torno de levantamentos epidemiológicos para um diagnóstico situacional da oferta de cuidados em saúde mental. Segundo Rivelli (1985), as condições de trabalho no município produziam uma realidade adversa e dependente do manicômio: “[...] pouco conhecimento tínhamos a respeito da situação do doente mental em Betim. Os encaminhamentos aos Hospitais Galba Velloso e Instituto Raul Soares eram realizados sem nenhum critério clínico Psiquiátrico.” (p. 1).

Em face dessa realidade, em 1987, implantou-se em Betim equipes mínimas de saúde mental (psiquiatra, psicólogo e assistente social) em regiões dos bairros Brasileia, Central, Citrolândia e Teresópolis. Em 1992, foi aberto concurso público para várias especialidades na área da saúde, possibilitando ampliar o quadro de recursos humanos da Prefeitura e aumentar as diversas políticas públicas almejadas pelo município. O que se percebe é o caráter protagonista em problematizar a assistência e os modos de organização do processo de trabalho até então desenvolvidas naquele município. Somente em 1993 (SOUZA; MAIA; DE SOUZA, 1996), o poder público municipal decidiu por “[...] enfrentar o manicômio e trazer os munícipes betinenses portadores de sofrimento mental para serem tratados integralmente em Betim” (p.2). Assim, o início da década de 90 é marcado pela abertura e consolidação dos Centros de Referência em Saúde Mental (CERSAMs), centro de convivência, estratégias de trabalho protegidos e associações de familiares e usuários.

A implantação oficial da rede de saúde mental ocorreu em 1994 e teve como objetivos 1) inverter o modelo hospitalocêntrico, rompendo com a lógica de exclusão e resgatando a cidadania das pessoas portadoras de sofrimento mental; 2) construir o projeto com a participação dos trabalhadores de saúde mental de forma coletiva e democrática; e 3) planejar a saúde mental na concepção do planejamento estratégico, o que significa pensar o projeto de forma dinâmica e com constantes adequações e inadequações à realidade local (SOUZA, 1997). Fica evidente como a Luta Antimanicomial impactou diretamente essa reformulação da atenção em saúde mental sob princípios de uma assistência integral e territorializada. As premiações recebidas pelo primeiro serviço 24 horas do Brasil, o CERSAM Betim Central, foram, reconhecidamente, insígnias do trabalho sustentado pela equipe de trabalhadores e gestores preocupados com a formulação de uma rede de saúde mental ciente das dificuldades existentes desse campo. É no bojo dessa desinstitucionalização em Betim que a formação em saúde mental se ancorou, resultando, assim, em contrapartida, numa formação crítica e desinstituci-

onalizada que impulsionou a atuação futura de psicólogos para além de uma atuação ortodoxa e centrada nos manicômios (NUNES, 2009; SILVA, 2013)⁵.

O documento intitulado *Proposta de Estágio em Saúde Mental* (BETIM, 1998), dá mostras de como o processo de formulação do Curso de Psicologia em análise atrela-se aos ideais antimanicomiais. Desse modo, o processo de formação dos futuros profissionais é concebido na relação com os serviços públicos daquela cidade, buscando fazer frente às fragilidades em recursos humanos encontradas pelos próprios trabalhadores envolvidos nos movimentos sociais e na busca pela construção de outras práticas. Com efeito, nesse documento consta o seguinte registro:

[...] desde que [n]o Brasil[,] a Reforma Psiquiátrica passou a se concretizar em experiências como a de Santos, em SP, Belo Horizonte e Betim, por exemplo, vimos enfrentando um sério problema do qual não podemos nos furtar: ao serem criados os serviços substitutivos sejam eles NAPS, CAPS, CERSAMs[,] a formação dos recursos humanos necessários ao funcionamento destes novos dispositivos ainda se dá no manicômio ou os profissionais nos aparecem sem nenhuma experiência. (BETIM, 1998, p. 2).

Ressaltamos, assim, a pertinência da rede de saúde mental de Betim como uma rede que se pode colocar permanentemente em análise, identificando seus gargalos e construindo saídas em conjunto com outros segmentos da sociedade. Nesse sentido, o Curso de Psicologia da PUC Betim ousa apresentar uma proposta que potencialize uma formação comprometida com as condições de vida da população, rompendo com os paradigmas elitizantes e individualizantes da psicologia, pontos que serão tratados a seguir.

3 O CURSO DE PSICOLOGIA E A EXTENSÃO ARTICULADOS À REDE SUBSTITUTIVA DE SAÚDE MENTAL: ENTRE A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO DA LOUCURA E OS EFEITOS SOBRE A FORMAÇÃO DO GRADUANDO

Um dos desdobramentos mais evidentes na busca pela desinstitucionalização da loucura em Betim refere-se à criação do Curso de Psicologia pela PUC Minas nessa cidade. Ao retomarmos alguns pontos dessa história, observamos como a busca pela criação de outras

⁵ Vale destacar que a rede de saúde mental de Betim foi abordada em diferentes estudos, como apresentações de trabalhos em congressos científicos, monografias, artigos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses. Dessa forma, mesmo que a rede enfrente dificuldades na atualidade, sua constante abordagem nos meios acadêmicos e fora deles indica a importância desse processo no cenário nacional de Reforma Psiquiátrica. Cita-se ainda que serviços de saúde mental de Betim, como o Centro de Referência em Saúde Mental Infante Juvenil (CERSAMI), serviu como referência para a construção das portarias ministeriais que regulamentaram nacionalmente esse tipo de serviço.

formas de cuidado em saúde mental, orientadas pela conexão com o território e os sujeitos que nele habitam, produziram efeitos no próprio processo de se tornar psicólogo.

Ao perscrutarmos nosso percurso de formação e atuação docente, observamos que os efeitos da desinstitucionalização incidiram sobre a forma de pensar e transmitir a formação em psicologia, o que se evidencia pela construção do Programa de Extensão Universitária em Saúde Mental e pela formação de muitos trabalhadores que, mesmo passados vinte anos de criação do Curso, se mantêm vinculados à saúde mental.

Assim como no plano nacional, a década de 1990 foi decisiva para o que se desdobrou na formação em Psicologia em Betim. Em 1995, houve a abertura do *campus* universitário nessa cidade. Em seguida, a pedido do poder público municipal, uma administração posicionada no plano político à esquerda, implantou-se um novo Curso de Psicologia. Desse modo, as condições de possibilidade para esse curso podem ser hoje delineadas com mais clareza. No plano nacional e local, havia uma evidente luta pela reorientação do cuidado em saúde mental, pautado pela cidadania e desinstitucionalização. Em Betim, simultaneamente, percebia-se uma abertura do poder público municipal para as demandas dos trabalhadores e possibilidade de construção de uma rede diversificada de serviços em saúde mental. Nesse contexto, surgiram as premissas que pautaram a formação dos egressos do Curso de Psicologia da PUC Betim. Retomamos aqui as palavras de quem participou, com tantos outros professores, desse processo de deslocamento de saberes, práticas e de formação de novos psicólogos:

Iniciado em 1999 com uma proposta curricular voltada para a formação crítica e política do discente, nosso curso busca associar aos fundamentos epistemológicos e éticos da Psicologia o raciocínio sócio-crítico que permite ao futuro profissional intervir na realidade que o cerca. Assim, além de disciplinas teóricas fundamentais e profissionalizantes, associamos as de teor psicossocial, tais [como] Políticas Sociais ou Psicossociologia (GUERRA; SILVEIRA; ROMAGNOLI, 2004, p. 2)

O desafio de construir um curso em consonância com as necessidades locais e com os movimentos sociais que se opunham nacionalmente à lógica centrada no manicômio exigia a construção de princípios e escolhas teóricas que também eram ético-políticos. Com isso, seriam necessárias estratégias que favoreceriam o percurso formativo, de modo a produzir a apropriação de conteúdos e conceitos dos diferentes campos teóricos da Psicologia, além de possibilitar ao discente o encontro com outros atores importantes. No que tange à formação em saúde mental, o encontro com trabalhadores, usuários e familiares tornou-se uma oportunidade privilegiada para a desconstrução de um imaginário sobre a loucura calcado na periculosidade e na conseqüente exclusão e segregação dos usuários. Desse modo, se o trânsito e o

direito à cidade são pressupostos caros ao processo de desinstitucionalização em saúde mental, foi preciso pensar em como produzir encontros e peripécias entre acadêmicos e usuários, de maneira a contribuir com a transformação de ambos.

Em Betim, o investimento na Extensão Universitária foi a estratégia construída pelos primeiros docentes do Curso, um deles oriundo da rede de saúde mental da cidade, por isso familiarizado com suas potencialidades e fragilidades. No 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, realizado em 2004, foi apresentado por Guerra, Silveira e Romagnoli o trabalho *Cidadania e Reforma Psiquiátrica: construção política do aluno de Psicologia no Programa de Extensão em Saúde Mental – PUC/Betim*. Na ocasião, os docentes explicitaram o caráter político do Curso, uma vez que era comprometido com as condições de vida da população, ao mesmo tempo em que indicaram como a extensão universitária era pensada naquele momento:

Nesse sentido, a extensão se torna condição *sine qua non* para que essa proposta se concretize, profissionalizando o acadêmico com ferramentas que o auxiliem a melhorar a qualidade de vida da população, democratizando o uso do ensino superior e do conhecimento acadêmico. (GUERRA; SILVEIRA; ROMAGNOLI, 2004, p. 2).

Silva (2013), em sua dissertação *A extensão universitária em saúde mental para uma formação crítica*, analisa a experiência que se fez em Betim na interseção entre a universidade e os serviços de saúde mental. A partir de suas leituras, “[...] o termo extensão é definido como um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa em prol da relação transformadora entre universidade e sociedade.” (p. 105).

No ano de aprovação da Lei 10.216, em de 6 de abril de 2001, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental (BRASIL, 2001), foi implementado o Programa de Extensão Universitária em Saúde Mental da PUC Betim. Conforme Romagnoli (2006, p. 306),

[...] tal programa tem como objetivo introduzir o aluno de Psicologia no cotidiano do trabalho profissional em saúde mental, a partir dos pressupostos da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Os alunos atuam em diversos dispositivos da rede de saúde mental, deparando-se com a realidade desse campo de trabalho.

Essa parceria com a Prefeitura resultou na disponibilização de quinze bolsas remuneradas, no valor de um salário mínimo, para os estudantes desenvolverem 20 horas semanais de atividades orientadas e supervisionadas, por professores do curso e trabalhadores da rede de

saúde mental, em diferentes dispositivos de reabilitação psicossocial. O Programa previa a inserção dos alunos no Centro de Convivência e Cultura Estação dos Sonhos, na primeira moradia assistida do município, localizada em uma casa atrás da universidade, em Centros de Saúde com equipes de saúde mental e nos Centros de Referência em Saúde Mental (GUERRA; SILVEIRA; ROMAGNOLI, 2004).

A inserção dos estudantes na rede, ao mesmo tempo em que proporcionou a estes um processo de formação vivencial e crítico, também possibilitou a construção de recursos para os próprios usuários dos serviços de saúde mental. A esse respeito, a implantação da primeira moradia assistida do município de Betim foi emblemática para marcar a importância dos acadêmicos na composição do trabalho cotidiano em saúde mental. Isso porque eles se comprometeram com as ações de reabilitação psicossocial e reinserção social de modo conjunto aos trabalhadores, potencializando as ações e dando saídas, às vezes inusitadas, aos impasses gerados no encontro com o sofrimento psíquico.

Implantados a partir de 2001, os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) emergiram como um dos principais dispositivos da rede substitutiva e buscaram, por sua vez, promover um aumento da contratualidade dos usuários com longo histórico de internação psiquiátrica ou sem laços familiares. Em Betim, esses serviços foram implantados em 2002, a partir das problematizações possíveis acerca do laço social do psicótico embasadas na clínica psicanalítica lacaniana (GENEROSO, 2008).

As várias possibilidades que se configuraram com a circulação na cidade de alunos e usuários permitiram a problematização da atuação do psicólogo orientada por princípios dos direitos humanos, da assistência centrada nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e das noções de territorialidade e intersetorialidade, fundamentais para a prática contemporânea em saúde mental. Como reflexo dessa modalidade de intervenção, tivemos impactos profundos, a saber: inicialmente, na formação do estudante, que experimentou a realidade da assistência em saúde mental em meio à tessitura social com todas as suas potencialidades e contradições; em seguida, nas equipes profissionais, que passaram a contar com uma intervenção sensível advinda de uma imersão do aluno no caso clínico; e, por fim, nos usuários, que tiveram inúmeros de seus impasses abordados de forma contundente e articulada com os mais diversos atores e dispositivos da rede.

Um dos desdobramentos do Programa de Extensão em saúde mental foram as ações realizadas no CERSAM Teresópolis, intituladas *Saúde mental e família*, desenvolvidas a partir de agosto de 2003 sob demanda da referida prefeitura (ROMAGNOLI, 2006). De modo específico, o projeto *Saúde mental e família* articulava pesquisa e extensão, de modo a

[...] contribuir com o conhecimento acadêmico para a melhoria das condições sociais e subjetivas da comunidade, a partir de uma perspectiva da Clínica Social, a proposta é prestar atendimento às famílias portadoras de membros com psicose e neurose graves. Esse atendimento é realizado com objetivo e tempo limitados, pretendendo abranger as altas demandas existentes. (GUERRA; SILVEIRA; ROMAGNOLI, 2004, p. 4)

Conforme os autores, o impacto gerado na família que convive com aquele que apresenta sofrimento mental grave desencadeou uma série de situações e sentimentos que acabaram por ser mote de intervenção por parte das equipes de saúde mental, bem como dos alunos integrantes da extensão em saúde mental.

Das ações vinculadas entre a rede de atenção à saúde mental do município de Betim e o Curso de Psicologia, destacamos ainda a participação dos alunos em inúmeras atividades culturais, como a organização de festas vinculadas a datas comemorativas, a exemplo do 18 de Maio – Dia da Luta Antimanicomial –, passeios, visitas, o que, pela via da fundamentação das bases teórico-práticas que orientam as ações do Acompanhamento Terapêutico, tornava, em muitos casos, possível a inserção dos usuários nos jogos e nas festas da vida urbana (KINOSHITA, 1996).

As diversas ações culturais de ocupação do espaço público realizadas a partir da rede substitutiva de saúde mental em parceria com a universidade potencializaram os pressupostos da reabilitação psicossocial e do exercício de cidadania que pautam a Reforma Psiquiátrica Brasileira (SILVEIRA, 2000). Assim, a participação dos alunos, trabalhadores e usuários possibilita tanto a desconstrução de um olhar de encarceramento que há séculos recaí sobre loucura, quanto viabiliza novas formas de interação com a sociedade como um todo.

4 CONCLUSÃO

O Curso de Psicologia da PUC Minas Betim, ao completar vinte anos de sua implantação, consolida-se como um campo de formação de psicólogos pautados no comprometimento ético com as mais diversas realidades. Durante a escrita deste trabalho, procuramos analisar a articulação da construção das políticas públicas em Betim com a formação do discente no campo de saúde mental, analisando a experiência do Programa de Extensão em Saúde Mental que inaugurou a entrada dos estudantes na rede. Nesse sentido, a escrita deste trabalho implicou o resgate das memórias e dos afetos que se ligam à própria formação dos autores e se ma-

nifestou nos desafios, enfrentamentos e aprendizados que o encontro com a rede de saúde mental, seus trabalhadores, usuários e familiares de Betim proporcionou.

Quando trazemos como recorte o campo da saúde mental, percebemos que a construção e consolidação do Curso de Psicologia da PUC Minas, *campus* Betim, se entrelaça, diretamente, com a implantação das políticas públicas neste município. Nesse sentido, tanto o curso, quanto a cidade se mostram intimamente correlacionados aos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. As diretrizes existentes na Lei 10.216/01 lançam mão de uma nova forma de agenciar o campo da saúde mental, a partir de noções de cidadania, reabilitação psicossocial e assistência extra-hospitalar que foram fundamentais para a consolidação da Luta Antimanicomial. Ao nos depararmos com os últimos acontecimentos que envolvem esse campo, como direcionamento de verbas públicas para instituições privadas, reintrodução de intervenções como eletroconvulsoterapia, sucateamento dos serviços substitutivos, descaracterização do conceito de desinstitucionalização, retorno de ampliação de investimento em hospitais psiquiátricos, entre outras ações nesse sentido, percebemos a necessidade de seguirmos com uma formação pautada no ensino, pesquisa e extensão, articulando universidade-sociedade a partir da Luta Antimanicomial. A universidade, bem como os serviços substitutivos, precisa estar atenta à importância de refletirmos acerca das novas formas de manicomialização das relações que atravessam a formação e a assistência, pois qualquer retrocesso impacta diretamente nas conquistas arduamente obtidas nos últimos trinta anos no Brasil.

Novos desafios acentuam-se no nosso horizonte quando localizamos a atual dificuldade em seguir com ações de extensão remuneradas pelos municípios, como ocorrida em Betim no passado, fragilizando, assim, a importância do SUS como protagonista não somente na assistência, mas na formação de novos quadros de recursos humanos qualificados e atentos às demandas contemporâneas. Há benefícios a partir da presença e circulação dos alunos nos diversos ambientes dos serviços públicos e nas atividades desenvolvidas, principalmente para os usuários. A retroalimentação entre universidade e serviço público resulta numa possibilidade de prática mais concernida e contundente.

Não há espaço para uma Universidade fechada em si mesma no contemporâneo. Uma prática docente ética é aquela afinada com os movimentos de seu tempo. Hoje, de modo análogo ao tempo no qual a experiência narrada neste artigo ocorreu, há uma urgência para que a prática pedagógica se alinhe com as necessidades políticas de um campo de formação. Neste momento histórico, há um evidente desmonte de uma construção feita com muito trabalho no campo da Reforma Psiquiátrica, o que demanda que, principalmente, os docentes auxiliem seus alunos com a leitura atenta da evolução das políticas públicas e os movimentos sociais. É

momento de levarmos nossas aulas também para os fóruns de discussão da Luta Antimanicomial, para as praças, para as reuniões de trabalhadores e usuários. Nos tempos atuais, devemos fazer uma aproximação cada vez mais legítima entre teoria, política, clínica, ensino e cidade. Este trabalho é do docente e de seus alunos, e isso é o que deve constituir a formação no campo da saúde mental, de um modo geral.

O Curso de Psicologia de Betim tem como base a formação generalista; assim, se em um primeiro momento a grande inserção dos psicólogos ocorreu nas políticas públicas de saúde e saúde mental, hoje o cenário se mostra muito mais difuso e diversificado, o que demanda as articulações com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), as políticas de educação, assim como o enfrentamento às violências, entre outros desafios.

Entre os egressos desse Curso, encontram-se psicólogos comprometidos com a clínica, com a gestão na área da saúde e assistência social, docentes, pesquisadores, trabalhadores da saúde e do campo dos recursos humanos, por exemplo. Entre estes, pode-se recolher as produções acadêmicas ainda atravessadas e comprometidas com o campo da saúde mental. Nesse aspecto, cabe valorizar as iniciativas do Curso que convidam os egressos a contribuir com a formação dos atuais alunos, por meio da participação em eventos como palestrantes e como docentes da FAPSI. Além disso, em Betim, está em andamento a formação da rede social de encaminhamentos, um banco de dados de profissionais ex-alunos que mantém vinculação com a clínica, em seu compromisso social, e o comprometimento com a própria formação continuada.

Por fim, gostaríamos de ressaltar o caráter inovador e absolutamente original dessa iniciativa no cenário que compõe o estabelecimento das políticas públicas em saúde mental em Minas Gerais. Se a Reforma Psiquiátrica começou com afinco em nosso estado, podemos, a partir deste trabalho, concluir que esse mesmo movimento não teve a força necessária para o campo de formação. Os efeitos disso são variados e podem ser avaliados em outro trabalho. Não obstante, podemos conferir à experiência relatada o caráter de desbravadora, na medida em que ousa (e consegue) capacitar jovens psicólogos para ingressarem na qualidade de “trabalhadores da saúde mental”, uma identidade nova e necessária naquele momento. Dessa maneira, este artigo registra um campo, uma experiência, uma aventura, uma necessidade, mas, antes de tudo, um avanço no mapa de um conhecimento novo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana da. (Orgs.). *Pistas do método de cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.
- BETIM. Centro de Referência em Saúde Mental. *Projeto de estágio no Centro de Referência em Saúde Mental – CERSAM*. Betim, MG: CERSAM, 1997.
- BETIM. *Proposta de estágio em saúde mental*. Betim, MG: s.n., 1998. 4 p. Mimeografado.
- BETIM. *O percurso da saúde mental em Betim 1993-2000*. Betim, MG: s. n., 2000. 13 p. Mimeografado.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 abr. 2001. Seção 1. p. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/1VzP1v9>>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. *As razões da tutela: psiquiatria, justiça e cidadania do louco na Brasil*. Rio de Janeiro, Te-Corá, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo, Perspectiva, 1993.
- GENEROSO, Cláudia Maria. A orientação da psicanálise em um serviço residencial terapêutico: a casa de aposentados - uma pequena construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, n. p., abr. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2U4cgVi>>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1961.
- GUERRA, Andréa Máris Campos; SILVEIRA, Renato Diniz; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Cidadania e Reforma Psiquiátrica: construção política do aluno de Psicologia no Programa de Extensão em Saúde Mental – PUC/Betim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- KINOSHITA, Roberto Tykanori. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: PITTA, Ana Maria Fernandes (Org.). *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 55-9. (Saúde Loucura, 10).
- LOBOSQUE, Ana Maria (Org.). *Caderno saúde mental – a reforma psiquiátrica que queremos por uma clínica antimanicomial*. Belo Horizonte: ESP-MG, 2007.

LOBOSQUE, Ana Maria (Org.). *Caderno de saúde mental* – seminário de saúde mental: os desafios da formação. Belo Horizonte: ESP-MG, 2010.

NUNES, Karla Gomes. *Reforma psiquiátrica no Brasil: um estudo sobre a trajetória de Betim*, Minas Gerais. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

REIS FILHO, José Tiago dos. FRANCO, Vânia Carneiro (Orgs.). *Aprendizes na clínica* – novos saberes psicológicos. São Paulo: Livraria do Psicólogo, 2007.

RIVELLI, Maria R. N. *Relatório do 1º mês das atividades da equipe de saúde mental de Betim*. Betim, MG: s. n., 1985. 8 p. Xérox.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Famílias na rede de saúde mental: um breve estudo esquizoanalítico. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 305-314, mai./ago. 2006.

SILVEIRA, Renato Diniz. *Cidadania do louco: da utopia a possibilidade*. 2000. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SILVEIRA, Renato Diniz. *Programa de saúde mental PUC/Betim: processo acadêmico na consolidação da reforma psiquiátrica* – relatório 2008. Betim, MG: s. n., 2008.

SILVEIRA, Renato Diniz; MENDONÇA, Paula Cambraia de. O ensino das disciplinas em saúde mental: os desafios de formar novos trabalhadores. In: LOBOSQUE, Ana Maria (Org.). *Caderno de saúde mental* – seminário de saúde mental: os desafios da formação. Belo Horizonte: ESP-MG, 2010. p. 127-132.

SILVA, Celso Renato. *A extensão universitária em saúde mental: por uma formação crítica*. 2013. 192 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SOUZA, Marta Elizabeth. E.; MAIA, M. S.; SOUZA, A. L. de. *Saúde Mental em Betim* – rompendo preconceitos e expandindo a vida. Relato de experiência de implantação de serviços substitutivos ao manicômio em Betim, Minas Gerais, Brasil, no período de 1993 a 1995. Betim, MG: s. n., 1996. 19 p. Mimeografado.

SOUZA, Marta Elizabeth. *Projeto de Saúde Mental de Betim/MG* – propostas e prioridades para sua consolidação da gestão 1997-2000. Betim, MG: s. n., 1997. 5 p. Mimeografado.

VIEIRA, Rosana Figueiredo; JÚNIOR, Manoel Deusdedit; PACHECO, Éser Técio. Psicologia em Betim: um caso de paixão, de compromisso social e de trabalho ético-político. *Revista comemorativa dos 50 anos do Instituto de Psicologia*, p. 85-94, abr. 2009.

VILELA, Aline Aguiar Mendes; DRUMMOND JÚNIOR, Marcelo Arinos. Pesquisar em saúde mental: reflexões. In: LOBOSQUE, Ana Maria (Org.). *Caderno de saúde mental* – seminário de saúde mental: os desafios da formação. Belo Horizonte: ESP-MG, 2010. p. 197-202.